

Fibra divulga o balanço econômico do trimestre

Maísa Moura

A economia do Distrito Federal atravessa uma fase de dificuldades, a mais dura desde 1983. Essa é a conclusão a que chegou a Federação das Indústrias do Distrito Federal (Fibra) ao divulgar o resultado do balanço econômico do terceiro trimestre deste ano. Dos 11 setores da indústria, apenas as áreas de minerais não-metálicos, bebidas e transporte apresentaram um aumento de produção e de vendas no período, em relação ao trimestre anterior. Nos demais setores, principalmente o mobiliário, gráfico, reparação de veículos e construção civil foi registrada uma ociosidade de até 70 por cento.

Em relação à mão-de-obra e às margens de lucro os empresários foram unânimes ao afirmar que a tendência é de queda. No setor mobiliário a queda em 87,5 por cento do lucro das empresas pode levá-las a fechar suas portas até o final do ano, caso a situação não se reverta. A situação é ainda mais grave quando se constata, através das informações dos empresários, que o setor reduziu nos meses de julho a setembro cerca de 50 por cento do total de sua mão-de-obra. Diante desse quadro as perspectivas do empresariado não são muito otimistas. Cinquenta por cento acreditam que a situação não vai se modificar; 37,5 por cento acham que a tendência vai ser o agravamento e apenas 12,5 por cento ainda crêem que a situação vá melhorar.

A perda do poder aquisitivo da população, os preços elevados da matéria-prima, que em grande parte é importada de outros estados e, principalmente, a pesada carga de tributos são apontados pelos empresários da indústria do DF como os principais responsáveis pela crise. Segundo o presidente da Fibra, Antonio Fábio Ribeiro, a situação hoje é mais grave do que há oito anos, porque o mercado industrial se expandiu e, hoje, o número de empregados é muito maior, sendo responsável pela geração de quase cem mil empregos diretos.

Gráficos — Esses problemas são enfrentados por todos os setores, mas o setor gráfico foi um dos que mais sofreu com a retração do mercado. Produzindo menos de um terço de sua capacidade, as gráficas do DF apresentaram uma queda de 26 por cento na produção. Segundo o presidente do Sindicato das Indústrias Gráficas, Antonio Carlos Navarro, a situação do setor tornou-se mais crítica com o início da competitividade do Governo Federal. "O Departamento de Imprensa Nacional (DIN) agora já faz até publicidade dos seus serviços através das páginas do Diário Oficial", reclamam.

Navarro acredita que, além de restringir ainda mais o mercado, "a concorrência" do Governo é desleal. Segundo dados levantados em 1986 pelo sindicato, o custo de manutenção de uma gráfica como o DIN é dez vezes superior ao gasto pela iniciativa privada.